

Decorreram seis anos desde que visitei as ruínas do antigo templo de Poseidon, situado no cabo Súnio, contemplando o mar Egeu. Passaram quase cento e cinquenta anos desde que Hans o Padeiro chegou àquela estranha ilha no oceano Atlântico e, exactamente, duzentos anos que Frode naufragou, no trajecto do México para Espanha.

Tenho de lembrar o passado para perceber por que motivo a mamã abalou para Atenas...

Gostaria de poder pensar noutra coisa. Mas sei que tenho de pôr tudo por escrito, enquanto ainda resta em mim algo da criança de outrora.

Estou sentado à janela da sala em Hisøy, observando a folhagem que cai das árvores lá fora. As folhas esvoaçam pelo ar e cobrem as ruas como um tapete solto. Uma menina caminha sobre o chão repleto de castanhas que caem por entre as sebes do jardim.

É como se nada mais fizesse sentido.

Quando penso no baralho de cartas de Frode, é como se toda a natureza estivesse em desequilíbrio.



ÁS DE ESPADAS

... um soldado alemão passou por ali de bicicleta ...

A longa viagem para o país dos filósofos começou em Arendal, uma antiga cidade à beira-mar no Sul da Noruega. Viajámos de Kristiansand para Hirtshals a bordo do *Bolero*. Não me vou alongar sobre a viagem através da Dinamarca e da Alemanha. À excepção da Legolândia e da enorme zona portuária de Hamburgo, não vimos grande coisa além de auto-estradas e quintas. Mas quando chegámos aos Alpes, algo começou a acontecer.

Eu e o meu pai tínhamos feito um pacto: eu não ficaria aborrecido quando tivéssemos de percorrer grandes distâncias de carro, antes de pararmos para pernoitar; por seu turno, ele não fumaria no carro. Em contrapartida, faríamos paragens frequentes para ele fumar. São precisamente estas pausas antes da chegada à Suíça, o que melhor recorde de toda a viagem.

As nossas paragens começavam sempre com um pequeno discurso do meu pai sobre algo em que ele pensara à medida que conduzia, enquanto eu lia os livros do Pato Donald ou jogava às cartas no banco traseiro. O assunto quase sempre tinha a ver com a mamã. Caso contrário, punha-se a divagar sobre certos assuntos por que sempre se tem interessado desde que o conheço.

Ele regressara a terra depois de muitos anos no mar e, desde então, tinha uma predilecção por robôs. Isso em si nada tinha de extraordinário. Mas ele estava convencido de que um dia a ciência viria a criar homens artificiais. Não propriamente robôs

metálicos e esquisitos, que piscam luzes vermelhas e verdes e falam com voz cavernosa. Nada disso! O meu pai acreditava que, um belo dia, a ciência haveria de conseguir criar seres humanos pensantes como nós. E havia mais: ele acreditava que todas as pessoas, na realidade, *eram* mesmo isso: objectos artificiais.

— Somos bonecos animados — costumava dizer.

Tais afirmações eram habituais depois de beber um ou dois copos...

Quando visitámos a Legolândia, ficou espocado a observar os bonecos de Lego. Perguntei se estava a pensar na mamã, mas ele abanou a cabeça negativamente.

— Imagina, Hans Thomas, se todas estas figuras, de um momento para outro, tivessem vida e começassem a movimentar-se por entre estas casinhas de plástico. Que havíamos de *fazer*?

— És maluco — respondi simplesmente. Eu estava certo de que tais conversas não eram muito normais entre os pais que levavam os filhos à Legolândia.

Eu estava para pedir-lhe um gelado, mas sabia por experiência que era melhor deixá-lo primeiro arejar as suas ideias excêntricas. Acho que ele por vezes ficava com má consciência por falar constantemente destas coisas com o filho e, quando uma pessoa tem remorsos, torna-se normalmente mais generosa. Antes de eu chegar a pedir o gelado, ele disse:

— No fundo, somos uns bonecos vivos de Lego!

Visto que o pai ia começar um dos seus discursos filosóficos, sabia que o gelado estava assegurado.

Íamos a caminho de Atenas, mas não se tratava de umas férias normais de Verão. Em Atenas — ou algures na Grécia — íamos tentar encontrar a mamã. Não tínhamos a certeza de o conseguirmos e, mesmo que a encontrássemos, ela podia não querer voltar connosco à Noruega. Mas tínhamos de tentar, dizia o pai, pois nenhum de nós concebia a ideia de viver o resto das nossas vidas sem a mamã.

A mamã abandonou-nos quando eu tinha quatro anos. Por essa razão continuo a chamar-lhe «mamã». Com o decorrer do tempo, eu e o meu pai tornámo-nos cada vez mais próximos um do outro até que, um dia, achei que não devia mais chamar-lhe «papá».

A mamã resolveu ir ver o mundo para se encontrar a si própria. Nós compreendíamos que era altura disso, sendo ela já mãe de um rapaz de quatro anos, e assim apoiámos o projecto. Mas nunca cheguei a compreender porque teve de *ir tão longe* para se encontrar a si própria. Não poderia ter decidido aquele problema em Arendal — ou mesmo contentar-se com um passeio até Kristiansand? O meu conselho a todos aqueles que se desejam encontrar a si próprios é que não arredem pé. Caso contrário, correm o risco de se meterem em sarilhos para sempre...

Tinham passado tantos anos, que já não me lembrava das suas feições. Só me recordava que era muito mais bonita que as outras senhoras. Pelo menos era o que o meu pai costumava dizer. Ele era de opinião que uma mulher, quanto mais bonita fosse, mais dificuldade tinha em se encontrar a si mesma.

Desde que a minha mãe desapareceu, procurei-a por toda a parte. Sempre que atravessava a praça de Arendal, julgava que, subitamente, ia dar de caras com ela, e sempre que ia a Oslo visitar a minha avó paterna, procurava-a com o olhar na rua de Karl Johan. Mas nunca a encontrei. Só a vi quando o meu pai chegou com uma revista grega de modas na mão. *Lá* estava a mamã — na capa e no interior da revista. A fotografia não deixava margem para dúvidas de que ela ainda não se tinha encontrado. As fotografias da revista de modas não eram da minha mãe; era evidente que ela tentava imitar uma outra pessoa. Eu e o meu pai sentimos imensa pena dela.

Aquela revista chegou a nossa casa através da minha tia paterna que tinha ido visitar a ilha de Creta. A revista com a fotografia da mamã estivera exposta em todos os quiosques de venda de jornais. Bastava apenas pagar uns dracmas para adquirir a revista. Era quase cómico pensar nisso. Andámos nós

à procura da mamã durante tantos anos, enquanto ela, ali em Creta, sorria para todos os que passavam.

— Com os diabos, em que é que ela se foi meter? — perguntava o meu pai, coçando a cabeça. De qualquer forma, recortou as fotografias dela e pendurou-as nas paredes do quarto de dormir. Ele achava melhor ter as fotos de alguém parecido com ela que não ter nenhuma.

Foi nessa altura que o meu pai decidiu ir buscá-la a Atenas.

— Temos de tentar arrastá-la para casa, Hans Thomas — disse. — Se isso não acontecer, receio que venha a perder-se nessa aventura da moda.

Não compreendi o sentido exacto desta última frase. Em várias ocasiões, ouvira dizer que uma pessoa podia perder-se por saias, mas não fazia ideia de que uma pessoa se perdesse numa aventura da moda. Hoje em dia, sei que é algo de que toda a gente deve acautelar-se.

Quando parámos na auto-estrada, nos subúrbios de Hamburgo, o meu pai pôs-se a falar do pai dele. Eu já conhecia a história, mas agora parecia diferente, com o zumbido dos carros que passavam.

Acontece que o meu pai é o que se chama na Noruega um «filho de alemão». Ao dizê-lo já não sinto vergonha, porque sei que os filhos de alemães podem ser tão boas pessoas como as outras. Claro que, para mim, é fácil dizê-lo, porque não senti na pele o que é crescer sem pai numa cidade de província no Sul da Noruega.

Calculo que foi por termos chegado à Alemanha que o meu pai voltou a contar o que se passou entre os meus avós paternos.

Todos sabemos que era difícil arranjar comida durante a guerra. A minha avó também o sabia quando foi a Froland de bicicleta colher murteinhos. Tinha apenas 17 anos. O problema surgiu quando um dos pneus teve um furo.

Aquele passeio é a parte mais crucial da minha vida. Pode parecer bizarro que o acontecimento mais importante da mi-

nha vida tivesse sucedido trinta anos antes do meu nascimento mas, se não fosse o furo do pneu naquele domingo, o meu pai não teria nascido. Consequentemente, se ele não tivesse nascido, eu tão-pouco teria qualquer hipótese de existir.

Como disse, a minha avó teve um furo no pneu, com o saco cheio de murtinhos. Naturalmente, não levava consigo nada para remendar o pneu mas, mesmo que levasse, certamente não conseguiria arranjar a bicicleta sozinha.

Foi então que um soldado alemão passou por ali de bicicleta. Apesar de ser alemão, não se mostrou particularmente agressivo. Antes pelo contrário, foi mesmo muito gentil para com a jovem que não conseguia chegar a casa com os murtinhos. Além disso, trazia consigo o que era preciso para reparar a câmara-de-ar.

Se o meu avô fosse um canalha, como é a nossa opinião sobre todos os soldados alemães que estiveram na Noruega, poderia passar ao largo sem parar. Mas não é onde quero chegar. De uma forma ou de outra, a minha avó, com ar altivo, deveria ter recusado a ajuda das forças alemãs de ocupação.

O mal foi que o soldado alemão começou a simpatizar com aquela jovem que tivera tão pouca sorte. Porém, se pensarmos bem, ele também seria responsável por essa pouca sorte. Mas isso só veio a acontecer anos mais tarde...

Ao chegar a este ponto, o meu pai acendia um cigarro. A questão é que a minha avó também gostou do alemão. Isso é que foi precisamente a asneira. Ela não só agradeceu a ajuda, como também aceitou a sua companhia até Arendal. Não há dúvida que ela foi desobediente e tonta. Mas, o pior de tudo, foi ter combinado encontrar-se, outra vez, com o *Unterfeldwebel* Ludwig Messner.

Foi assim que a minha avó começou a namorar com um soldado alemão. Infelizmente, por vezes começa-se a gostar de uma pessoa sem se dar por isso...

Mas, *antes* de perder a cabeça, ela poderia ter decidido não marcar encontro com ele. Não foi assim que fez e teve de pagar bem caro por isso.

A minha avó e o meu avô continuaram a encontrar-se às escondidas. Se as pessoas de Arendal soubessem que ela andava com um soldado alemão, isso significaria que ela deixaria de fazer parte das pessoas de bem daquela comunidade. A única maneira de combater os alemães, nessa época, era não se juntar a eles.

No Verão de 1944, Ludwig Messner foi mandado de volta para a Alemanha, para defender o Terceiro *Reich* na frente oriental. Nem conseguiu despedir-se como devia ser da minha avó. No momento em que entrou no comboio em Arendal, desapareceu para sempre da vida dela. A minha avó nunca mais teve notícias dele e, durante anos depois do fim da guerra, tentou, sem sucesso, saber do seu paradeiro. Com o tempo, convenceu-se de que, provavelmente, ele tinha morrido na Rússia.

O passeio a Froland e o que se seguiu teria, por certo, caído no esquecimento não fosse o facto de ela ter ficado grávida. Isso aconteceu precisamente antes de o meu avô partir, mas ela só o soube muitas semanas mais tarde.

O que se passou depois é aquilo a que o meu pai chama maldade humana. Nesta altura da sua narrativa, o meu pai costuma acender mais um cigarro. Ele nasceu mesmo antes da libertação, em Maio de 1945. Após a capitulação da Alemanha, a minha avó foi presa pelos noruegueses, que odiavam todas as mulheres que tinham tido ligações com soldados alemães. Infelizmente, não foram poucas, mas as que tiveram filhos de alemães, pagaram o preço mais alto. A minha avó andou com um alemão, não por ser nazi, mas por gostar dele a sério. E o meu avô tão-pouco era nazi. Antes de o despacharem para a Alemanha, ele e a minha avó tinham engendrado um plano de fuga para a Suécia. O que os impediu, foram os boatos de que os guardas da fronteira atiravam sobre os soldados alemães desertores que tentavam fugir.

A gente de Arendal atirou-se sobre a minha avó e rapou-lhe o cabelo. Espancaram-na e deram-lhe pontapés, apesar de

ser mãe de uma criança recém-nascida. Pode dizer-se, sem hesitações, que Ludwig Messner portou-se melhor que essas pessoas.

Sem um único cabelo na cabeça, a minha avó foi viver para casa dos tios Trygve e Ingrid, em Oslo. Não era seguro permanecer em Arendal. Apesar de ser Primavera e o tempo estar quente, ela teve de usar um gorro, porque tinha a cabeça lisa como um velho. A mãe dela continuou a viver em Arendal e, cinco anos depois de a guerra acabar, a minha avó regressou à sua terra, levando consigo o meu pai.

Nem a minha avó, nem o meu pai pretendem desculpar-se do sucedido em Froland. O que se poderá questionar é a extensão da pena. É uma questão interessante saber quantas gerações têm de ser penalizadas por um crime. A minha avó tem, naturalmente, culpa de ter ficado com uma criança no ventre e esse facto nunca negou. Mas acho mais difícil tomar uma posição sobre se também foi legítimo castigar a criança.

Tenho andado a reflectir nisto. O meu pai veio ao mundo como resultado de *um* pecado original. Mas a humanidade não descende de Adão e Eva? Sei que a comparação não é adequada. Num caso, tratava-se de maçãs e, no outro, de murtinhos. No entanto, em ambos os casos, foi a serpente a desencadear a tentação.

Qualquer mãe sabe, porém, que não pode passar a vida a recriminar-se por uma criança que já nasceu. Sou de opinião que não deve deitar-se culpas à criança. Até um «filho de alemão» tem o direito de desfrutar a vida. Nesse ponto, eu e o meu pai discordamos ligeiramente.

O meu pai cresceu como «filho de alemão». Embora os adultos de Arendal já não espancassem as «fulanas dos alemães», as crianças — que facilmente aprendem as maldades dos adultos — continuavam a humilhar os filhos de alemães. Isto significa que o meu pai teve uma infância muito dura. Aos dezassete anos não aguentou mais. Apesar de gostar de Arendal, como qualquer outra pessoa, viu-se obrigado a

embarcar como marinheiro. Sete anos mais tarde voltou a Arendal. Nessa altura, já tinha conhecido a minha mãe em Kristiansand. Foram viver numa casa velha, em Hisøy, onde nasci a 29 de Fevereiro de 1972. Nesta ordem de ideias, tenho de aceitar parte da culpa pelo que sucedeu em Froland. É aquilo a que se chama pecado original.

Com uma infância como «filho de alemão» e muitos anos de mar, o meu pai sempre teve uma fraqueza por bebidas fortes. Acho mesmo que de mais. Ele afirmava que bebia para esquecer, mas aí é que se enganava redondamente. Sempre que bebia, falava sem parar do meu avô e da minha avó e da sua vida como «filho de alemão». Por vezes, também choramingava. Creio que as bebidas fortes só contribuía para que as recordações fossem mais vivas.

Depois de repetir uma vez mais a história da sua vida na auto-estrada, nos subúrbios de Hamburgo, disse:

— E depois, a tua mãe pôs-se a andar. Quando começaste a frequentar o jardim de infância, ela trabalhou primeiro como professora de dança. Depois, como modelo. Ia muitas vezes a Oslo. Por duas vezes deslocou-se também a Estocolmo e, um dia, não regressou mais a casa. A única mensagem que tivemos foi por carta, em que dizia que conseguira um trabalho no estrangeiro mas não sabia quando voltaria. Isso é o que nós dizemos quando nos ausentamos por uma semana ou duas. Mas a mamã já está ausente há mais de oito anos...

Eu também já tinha ouvido centenas de vezes antes o que o meu pai acrescentou:

— Na minha família sempre faltou alguém, Hans Thomas. Houve sempre alguém que ficou pelo caminho. Deve ser uma maldição de família.

Quando ele falou em maldição, fiquei com um pouco de medo. Pus-me a reflectir durante a viagem e cheguei à conclusão de que ele tinha razão.

Afinal, faltavam-nos, ao meu pai e a mim, o pai e o avô, a mulher e a mãe. O meu pai talvez tivesse em mente ainda um

outro episódio: quando a minha avó era criança, o pai dela foi atingido na cabeça por um toro de madeira e morreu, de modo que ela cresceu sem o seu progenitor. Talvez por isso tivesse tido um filho de um soldado alemão que partiria para morrer na guerra. E ainda, se calhar, foi por essa razão que este rapaz casou com uma mulher que foi para Atenas para se encontrar a si própria.